

• CRIAÇÃO

UM LANCE DE DADOS

Álvaro Cardoso Gomes*

Un coup dés jamais n'abolira le hasard
(Mallarmé)

■ Como sempre, o Inspetor Flic, depois de consultar a caderneta em que registrava seus rigorosos cálculos, lançou os dados no jogo de gamão. Surpreendendo o olhar irônico de M. Igitur, disse com azedume:

– Pelo visto, o senhor não acredita na eficácia de meu método de jogar...

M. Igitur sorriu.

– Não, não acredito. De que vale o método, se os dados estão sempre roçando as puras unhas pelo acaso?

O Inspetor Flic franziu o cenho.

– Um dia, ainda o baterei no gamão! E o senhor então se renderá à eficácia do método.

– O método! O método! – disse M. Igitur com exaltação. – O método, o edifício de Tudo erigido sobre o alicerce do Nada! Abolido bibelô de inanidade sonora...

Amargando mais uma derrota no gamão, o Inspetor Flic deixou M. Igitur. Caminhava circunspecto pela rua, talvez pensando nos estratégias para vencê-lo na quinta-feira seguinte. A intromissão da sorte, no lançar dos dados, levava-o, a contragosto, a duvidar da eficácia de seus cálculos. E, ao se lembrar do sorriso irônico de M. Igitur, dizia para si, rilhando os dentes: “o acaso”, “o acaso”. Isto o fez recordar-se de que, talvez estimulado por sua obsessão, o acaso lhe aparecera muitas vezes em sonhos sob a forma de uma alegoria: uma mulher, com asas de águia e corpo de leão, cujas feições, de maneira paradoxal, lembravam ao mesmo tempo as de Ingrid Bergman e Marlene Dietrich, que, no areal do imenso deserto, permanecia muda ante suas súplicas.

* Crítico literário, romancista e professor titular na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Coordenador do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (Unisa) – São Paulo – SP – Brasil. E-mail: alcgomes@uol.com.br

Todavia, contrário ao que desejava, não chegaram a jogar na outra quinta-feira: no dia tão esperado, pouco depois das quatro, uma viatura veio apanhar o Inspetor Flic em casa para investigar um assassinato. É que haviam encontrado às margens do Sena, junto à Ponte Neuf, uma mulher, cuja cabeça fora quase toda separada do tronco por um instrumento cortante. Quando o Inspetor Flic chegou ao local do crime, ela já estava na calçada, de barriga para cima, cercada pelos policiais, por um cordão de isolamento e pelos curiosos de ocasião. Dando um suspiro de insatisfação, o Inspetor Flic saiu da viatura e dirigiu-se apressado até o ajuntamento. Eram quase cinco horas, e ele temia atrasar-se para o religioso gamão das quintas-feiras com M. Igitur.

Agachando-se, observou a vítima: era loira, de olhos azuis, estatura mediana e contava na aparência com dezoito anos.

– Foi estuprada? – o Inspetor Flic perguntou a um dos policiais.

– Pelo que parece, não, senhor Inspetor.

– Virem-na, por favor.

Os policiais obedeceram.

– O que é isso? – perguntou, apontando para algo semelhante a uma inscrição nas nádegas da vítima.

– Não sabemos ainda. Acredito que o assassino gravou alguma coisa nela com um estilete.

O Inspetor Flic, tapando o nariz com um lenço, examinou com cuidado a inscrição. Distinguiu então a palavra *hasard*. De imediato, sem saber o porquê, veio-lhe à mente a face circunspecta de M. Igitur lançando os dados no gamão. À noite, quando lhe telefonou pedindo desculpas por ter faltado ao encontro, devido a motivos profissionais, passou-lhe pela cabeça, também sem saber por que, contar-lhe o episódio, mas se conteve a tempo por considerar o assunto muito mórbido. M. Igitur era um homem que parecia viver nas nuvens, indiferente ou avesso às grosserias da Terra.

Na quinta seguinte, também não jogaram gamão porque outra mulher foi encontrada sob a Ponte Neuf, com a garganta cortada e, por coincidência, também com uma inscrição nas nádegas. Mas, ao contrário do primeiro caso, a palavra agora era bastante anódina, pois não passava da simples preposição *de*. Todavia, metucioso como era, o Inspetor Flic, desconfiando de que aquilo fosse mais uma pista que o ajudasse a descobrir o assassino, anotou a palavra junto às circunstâncias da morte em sua caderneta.

– Não sei não – disse-lhe um colega, o Inspetor Frais, balançando a cabeça – mas quer-me parecer que se trata de um *serial killer*.

Talvez fosse mesmo um *serial killer*: era quinta-feira, junto à Ponte Neuf, a mulher tinha seus quarenta e poucos anos, havia sido degolada e trazia na nádega, inscrita a punhal, uma palavra. A certeza de que era um crime serial confirmou-se na semana seguinte quando a polícia encontrou mais uma mulher com a garganta cortada e com a palavra *abolira* inscrita na nádega. À noite, desculpando-se pela terceira vez com M. Igitur, apesar de seus pruridos, comentou a sequência de crimes, talvez para se justificar da sequência de faltas aos encontros de gamão.

– Soube-o pelos jornais – disse M. Igitur com laconismo e como que o eximindo de desculpar-se.

Na semana seguinte, o Inspetor Flic diria a M. Igitur, também por telefone e um pouco mais à vontade, que a investigação estava se tornando “intrigante”,

porquanto mais uma vítima fora localizada na mesma ponte, ao lado de um carrinho com um bebê, a cabeça separada do tronco e a palavra *coup* inscrita na nádega. M. Igitur ouviu-o em silêncio, para depois dizer sem nenhuma inflexão especial na voz:

– Ao menos, as cabeças deviam agradecer pela oportunidade de mergulhar no abismo que haverá de libertá-las do jugo infame do corpo.

O Inspetor Flic não pôde deixar de rir da fina e macabra ironia de M. Igitur. Desligando o telefone, abriu a caderneta e, contemplando as palavras *hasard*, *de* e *coup*, escreveu, no alto de uma página em branco, os significados “acaso”, “azar”, “risco” e, embaixo, na mesma página, “golpe”, “tiro”, “ferida”.

O pequeno dicionário criptográfico do Inspetor Flic foi premiado, como sempre numa quinta-feira, com o anódino artigo *le*, inscrito na quinta nádega de outra vítima decapitada. Ansioso, ele correria ao local do crime, mal haviam lhe telefonado, mas foi tomado pela decepção, pois esperava uma palavra mais significativa que viesse a dar sentido à charada. Em realidade, o Inspetor Flic tivera noites e noites e noites de insônia, páginas em branco diante dos olhos, em que rabiscava sem parar frases e palavras, tentando decifrar o enigma. “Decifra-me ou te devoro”, parecia-lhe ouvir a voz da Esfinge, nortear todos seus pesadelos, entre os quais um, em especial, que se tornou real: a reprimenda de seu superior, inconformado com que ainda não tivesse pistas sobre o caso que então abalava Paris:

– As pessoas estão aterrorizadas, Inspetor Flic. As mulheres não querem mais sair à rua desacompanhadas.

– A única coisa que sabemos é que não eram prostitutas – dizia o Inspetor Flic de maneira evasiva.

– Prostitutas ou não, é muito pouco que tem a me dizer. O Ministério Público vem me pressionando. E, depois, é impossível que não tenha pista alguma até agora. Conte-me o que tem feito de prático.

– Bem – dizia o Inspetor, consultando a caderneta – fiz um levantamento completo das impressões digitais, confrontei o testemunho de mendigos, o que se mostrou inútil, pois ninguém foi visto na proximidade dos crimes, mandei colocar vigias, dia e noite, junto à Ponte Neuf...

– Vigias? Para quê?

– Pelo fato de que todos os corpos foram encontrados sob a Ponte Neuf... ou, perdão, tinham como endereço a Ponte Neuf.

– Como “endereço”?

– Uma das vítimas chegou pelo correio numa mala endereçada aos agentes em vigia na Ponte Neuf. Quer me parecer que o assassino está usando uma espécie de código que tem como chave o número nove.

A palavra *coup* veio a tomar outro sentido para o Inspetor Flic quando encontraram a sexta mulher decapitada no porta-malas de um carro abandonado nas proximidades da Ponte Neuf. Nas nádegas, como sempre, havia a inscrição feita por instrumento cortante, mas registrando a palavra *des*. Meticuloso, o Inspetor Flic riscou os significados “golpe”, “tiro”, “ferida” de sua caderneta e escreveu em caixa alta “LANCE”. Fez o mesmo com a palavra *hasard*, ao riscar “azar” e “risco” e anotar, também em caixa alta, o termo “ACASO”. Na sequência, dispôs todas as palavras que possuía, na ordem em que haviam sido encontradas: *HASARD, DE, ABOLIRA, COUP, LE, DÉS*. Brincando com a caneta, escreveu um esboço de frase: “*Le hasard de le coup de dés*”. Mas onde ficaria o verbo *abolir*?

Pensando nisso, escreveu preenchendo lacunas: “(Le) *coup de dés* abolira (le) *hasard*”, sempre com a desconfiança de que talvez a sequência frasal não estivesse de todo completa.

A frase veio a completar-se, ainda que com um sentido negativo, três mulheres mais tarde, quando as palavras *jamais*, *un*, *ne* foram-lhe oferecidas em diferentes nádegas. A bem da verdade, o Inspetor Flic aguardara com muita ansiedade a notícia desses assassinios subsequentes, porque tivera obsessivos sonhos com a decifração do enigma. O primeiro dos três últimos corpos chegou numa caminhonete dirigida aos agentes que vigiavam dia e noite a Ponte Neuf. A mulher viera acondicionada numa caixa para presentes. Interrogado o estafeta, nada de muito especial lhe conseguiram arrancar, a não ser que alguém, que se identificara apenas como M. Gouffre, enviara o dinheiro pelo correio, pedindo que a encomenda fosse apanhada à entrada da igreja de Sacré Coeur. O segundo fora encontrado atrás da Gare d’Orsay, graças a um telefonema anônimo. Era também uma caixa em que havia uma mensagem: “a ser entregue aos agentes em vigília na Ponte Neuf”. O terceiro viera dentro de um cesto de vime, num pequeno barco desgarrado no Sena, e dirigia-se ao mesmo destinatário: os agentes policiais em guarda na fatídica ponte. Todas as mulheres tinham em comum com as outras a garganta cortada e partes da inscrição que se completaria finalmente na caderneta do Inspetor Flic: “*Un coup des dés jamais n’abolira le hasard*”. Todavia, para desalento do Inspetor, a frase, que a muito custo tentara decifrar, não perdera em nada sua feição hieroglífica.

Outra coisa que vinha perturbando o rumo das investigações, provocando-lhe grande ansiedade: o perfil das vítimas, que pareciam não ter muita coisa em comum, a não ser o fato de serem mulheres. Na caderneta, o Inspetor Flic anotara o seguinte a respeito delas:

1. Uma adolescente loira.
2. Uma negra aparentemente praticante de vodu.
3. Uma mulher ao lado de seu bebê.
4. Uma freira.
5. Um travesti vendedor de hortaliças.
6. Uma vendedora de roupas.
7. Outra adolescente loira.
8. Uma mulher que ingerira grande quantidade de bebida.
9. Mais uma adolescente loira, com nada que a distinguisse das outras.

Não havia sequer uma prostituta e nem mesmo uma tentativa de estupro, o que tornava o caso mais complicado, em vista do fato de que não parecia ter nada em comum com aqueles de desvio sexual que conhecia na literatura polícalesca.

Na outra quinta-feira, com a certeza de que não seria importunado por mais um crime, dirigiu-se à casa de M. Igitur.

– Então, que temos de novo? – perguntou-lhe o anfitrião, abrindo a caixa de gamão sobre a mesa.

– Mais um caso, e desconfio que o último.

– Último? Como pode ter certeza disso?

– Quer-me parecer que a frase se completou. E o Inspetor Flic, abrindo a caderneta, leu-a ao parceiro de gamão: “*Un coup de dés jamais n’abolira le hasard*”.

Como se não desse importância alguma à frase, M. Igitur perguntou:

– E o assassino?

– Não tenho a menor ideia de quem seja, por mais que tenha investigado, por mais que tenha refletido sobre a frase, por mais que tenha experimentado o rigor da lógica dedutiva, a eficácia do método analítico.

– Eficácia da lógica dedutiva? – disse M. Igitur com ironia, para depois completar a frase: – Todo método é uma ficção... e ficção parece ser o procedimento próprio do espírito humano.

O Inspetor Flic não refutou a ironia. Sentindo uma indisposição qualquer, pediu licença ao anfitrião e dirigiu-se ao banheiro. No cômodo malconservado, faltavam azulejos na parede e a caixa de descarga, bem antiga, funcionava de maneira bem precária, acionada por um cordel. Quando o Inspetor Flic puxou a cordinha, a água não correu. Ele tentou mais uma vez e, não obtendo êxito, subiu sobre o vaso, tirou a tampa da caixa e observou o mecanismo para ver se encontrava o defeito. Pôde então constatar que o bocal do cano de vazão da água estava obstruído por um saco plástico. Reparou que ele se desprendera de um pedaço de arame com que o haviam atado a uma pequena alça. Retirou o saco plástico e abriu-o. Notou que, dentro dele, havia uma navalha e um estilete. Depois de examinar os objetos com atenção, guardou o achado no bolso de sua gabardine, tornou a tapar a caixa de descarga e saiu do banheiro.

Como se nada tivesse acontecido, despediu-se de seu anfitrião. À saída, M. Igitur, como que de modo casual, disse que, naquele mesmo dia, faria uma viagem até a província. À noite, o Inspetor Flic abriu a porta do apartamento com uma chave mixa. Vasculhou com uma lanterna a sala de visitas onde costumavam jogar o gamão e, não encontrando nada de especial, dirigiu-se ao escritório, onde jamais entrara. O aposento era mobiliado com estantes atulhadas de livros, um sofá e uma escrivaninha. Sobre a escrivaninha, na ausência de uma urna cinerária, num cinzeiro de ágata, jaziam restos de folhas de papel queimadas, ao lado de uma estátua de ônix, que tinha numa das mãos uma lâmpada e cujo rosto retorcido parecia ser a expressão própria da Angústia. Os vidros da janela, filtrando a luz das estrelas, em ouro agonizante, compunham a imagem de sensuais licornes que corriam atrás de uma ninfa nua.

O Inspetor Flic acendeu a lâmpada da estátua de ônix, remexeu as folhas de papel queimadas e pôde distinguir palavras e fragmentos de palavras como *Neuf, relat..., ... itime, blonde, secou...* etc., além de um esboço de enumeração. O Inspetor procurou decifrar o resto da mensagem, mas o fogo havia sido pouco generoso, de modo que ele desviou sua atenção para um bloco de papel, onde, numa página em branco, aparecia o decalque de uma escrita. Apanhando um lápis, passou-o de leve pela folha e, assim, conseguiu ler o seguinte:

Pont Neuf

Relation des Victimes

1. *Une jeune femme aux cheveux comme un torrent blond.*
2. *Une négresse par le démon secouée.*
3. *Une jeune femme allaitant son enfant.*
4. *Une Sainte pâle.*

5. *Un(e) marchand(e) d'ai/et d'oignons.*
6. *Une marchande d'habits.*
7. *Une enfante au clair regard de diamant.*
8. *Une belle ivrogne.*
9. *Une petite naive et ne rougissant pas.*

Na quinta-feira da outra semana, o Inspetor Flic dirigiu-se para a casa do parceiro de jogo. Lá, sem consultar uma vez sequer os cálculos da caderneta, lançou os dados e venceu-o no gamão. Quando o adversário estendeu a mão para cumprimentá-lo, o Inspetor Flic aproveitou-se da ocasião para lhe pôr as algemas em torno do pulso, enquanto lhe dizia ainda que vexado:

– Perdoe-me, M. Igitur, mas é meu dever prendê-lo.

M. Igitur sorriu com aquele seu sorriso enigmático e perguntou:

– Posso saber como chegou até mim, Inspetor?

– O acaso, M. Igitur, o acaso – respondeu, balançando gravemente a cabeça.

Recebido em março de 2014.

Aprovado em maio de 2014.